



A METÁFORA DA “LOUSA MÁGICA”¹ PARA REPENSAR UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

THE METAPHOR OF "MAGIC BLACKBOARD" TO RETHINK AN EXPERIENCE IN TEACHING OF VISUAL ARTS

**Angélica D'Avila Tasquetto²
Marilda Oliveira de Oliveira³**

RESUMO: Este estudo parte de uma experiência no Ensino das Artes Visuais realizada num âmbito escolar com alunos de primeiro ano do ensino médio, da Escola Cilon Rosa, em Santa Maria/ RS. Para algumas reflexões acerca desta experiência, partimos da ótica que se utiliza da metáfora da “Lousa Mágica”, onde objetiva-se fazer considerações acerca da experiência vivida como Arte/Educadora. Além disso, o propósito deste trabalho é de apresentar algumas considerações acerca das trajetórias docentes, objetivando-se colocar em pauta, as experiências de vida como mediatizadoras na construção do conhecimento da área de Ensino das Artes Visuais. Considerando-se, que se possa proporcionar aos educandos acesso aos meios artísticos contemporâneos, destaca-se a memória, a trajetória e a experiência docente, como meio que possibilite mudanças e transformações na Educação, em específico, na área de Ensino das Artes Visuais. Entender o processo de atuação do profissional de Ensino da Arte significa entre outras coisas, reconhecer sua, trajetória e suas experiências, a fim de possibilitar um entendimento sobre a memória docente e os aspectos dinamizadores de suas representações enquanto Educadores. Desta forma, as questões das memórias e trajetórias docentes são importantes na medida em que possibilitam analisar os meandros das questões educativas e propor uma educação que contemple as diferenças, inclusive de espaço e tempo.

Palavras-chave: Artes Visuais, Ensino, Experiência docente

ABSTRACT: The present study has its bases in an experience with the Teaching of Visual Arts accomplished in a school level with students of the medium teaching from the Cilon Rosa School, in Santa Maria – RS. In order to establish some reflections about this

¹ Termo Freudiano retirado do livro Metáforas da Memória: uma história das idéias sobre a mente, do autor Douwe Draaisma.

² Bacharel e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria, mestranda em Educação, linha de pesquisa educação e artes pela mesma Universidade, membro dos grupos de pesquisa Eduart e GEPAEC. angidavila@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós Graduação em Educação, PPGE/CE/UFSM. Doutora em História da Arte e Mestre em Antropologia Social, ambos pela Universidad de Barcelona, Espanha. Coordenadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq. marilda27@gmail.com



experience we have started from the optics which is based on the metaphor of “Magic Blackboard”, where we have the purpose of making considerations regarding the lived experience as Art/Educating. Furthermore, this work aims at presenting some considerations regarding the docent paths with the intent to highlight life experiences as mediators for the building of the knowledge of the area of Teaching of Visual Arts. Taking in to account that we can “offer” to the students the access to the contemporaneous artistic means, the memory, the path and the docent experience are emphasized as a way that make possible changes and transformations in the education, mainly in the area of Teaching of Visual Arts. To understand the process of actuation of the professional in Teaching of Art means to recognize its path and experiences in order to reach an understanding on docent memory and the aspects that bring dynamism to their representations as educators. Thus, the subjects on docent memories and paths are important while they allow analyzing the complexities of the educative subjects and proposing an education that pay attention to the differences, including the ones of space and time.

Keywords: Visual Arts; Teaching; Docent Experience

A “lousa mágica” e a memória

A metáfora da “lousa mágica” vem ao encontro da pesquisa realizada, a fim de aportar um sentido lúdico ao ambiente educacional e se propõem a repensar as memórias, trajetórias e experiências vividas por professores de Artes Visuais neste espaço escolar. Segundo Draaisma (2005, p. 20), “é impossível falar de tal memória sem uma sensação de melancolia em razão de sua transitoriedade.” A metáfora reflete sobre a idéia da lousa e do quadro negro tão utilizados nas escolas, como objeto potencial de rememoração sobre seu sentido ilimitado, mas também sobre a capacidade limitadora de vestígios visivelmente duradouros e conforme Freud (*apud* DRAAISMA, 2005 p. 27)

já que nosso aparato mental realiza o que o papel e a lousa não podem: ela tem a capacidade receptiva e ilimitada para novas percepções e, não obstante, delas armazena vestígios-recordações permanentes, embora não inalteráveis.

Apontamos assim, alguns modos para pensarmos na memória como algo passageiro, mas que de alguma forma, assim como a lousa, deixa suas marcas, vivíveis ou invisíveis.

Mas e a “lousa mágica”? Ainda nos perguntamos como esse “reviver trajetórias e memórias docentes” possa materializar essa necessidade de rever o Ensino das Artes Visuais? “O que é, afinal, sentir-se uma ‘esponja’ que absorve livros, idéias, interrogações de outros que passam a fazer parte de nossa própria experiência?” (LOPONTE, 2007, p.



238). O que significa juntar todas essas vivências, experiências, trajetórias e memórias a fim de possibilitar um repensar no Ensino das Artes Visuais? Pode significar incertezas, voltar para aquilo que tínhamos esquecido, revisitar fatos já vividos, “coisas” que nos tocaram, mas também pode significar voltar a trabalhar sobre essas memórias como artifícios de uma situação mediadora entre educador, Ensino das Artes Visuais e educandos. Entender o processo de atuação do profissional de Ensino das Artes Visuais significa entre outras coisas, reconhecer sua trajetória e suas experiências, a fim de possibilitar um entendimento sobre a memória docente e os aspectos dinamizadores de suas representações enquanto educadores. A metáfora da “lousa mágica” traz inquietações subjetivas acerca da memória docente e procura tecer relações com o Ensino das Artes Visuais.

Desta forma, permear as questões das experiências e memórias docentes torna-se relevante, a fim de problematizar os meandros das questões educativas, para que possamos propor uma educação que contemple as diferenças, inclusive de espaço e tempo.

Repensando a experiência no Ensino das Artes Visuais

A experiência como professora de Artes Visuais foi realizada com uma turma de primeiro ano do nível médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa, em Santa Maria/RS, por um período de quatro meses no segundo semestre de 2007.

O início da experiência foi marcado por observações das aulas da professora titular de Artes Visuais da referida escola. Consideramos que este período de observação serviu como um enorme aprendizado, onde foi possível analisar além das atitudes dos educandos, a postura atuante de um profissional frente a uma turma de ensino formal. Percebemos desta forma, as grandes lacunas deixadas na formação destes profissionais, que atuam de forma muitas vezes precária e com conteúdos pouco interessantes e significativos para os educandos. Segundo Pimenta (2002, p. 31)

Trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requer permanente formação, entendida como ressignificação identitária dos professores.



Desta forma, além de fazermos uma análise do comprometimento dos adolescentes com a disciplina, refletimos também sobre questões relacionadas ao modo de atuação dos professores, fazendo-nos repensar como atuaríamos posteriormente em sala de aula. Lembramos Pimenta (2002, p. 31) quando menciona que “a formação de professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório”. Pensando sobre este viés, acreditamos na reflexão constante sobre nossas práticas educativas. Elaboramos oito planos de aula, pensando no trabalho de um trimestre. O planejamento apresentava boas possibilidades de abordagem, porém a questão agora era outra, já que durante as observações foi possível percebermos a deficiência e o total desinteresse por parte dos educandos em relação aos conteúdos das Artes Visuais. Entendemos essa falta de vontade pela disciplina em razão de conteúdos distantes da realidade do educando, onde muitas vezes passavam uma hora e meia recortando papezinhos e colando em uma folha sem serem problematizados sobre a real necessidade e a relevância destas tarefas. Assim, durante os primeiros contatos com a turma, confirmamos essa falta de interesse dos educandos por parte da disciplina, onde ficavam inquietos e a primeira coisa que mencionavam era: “nós vamos desenhar professora? Eu não sei desenhar! Eu quero desenho livre!” Desta forma evidenciamos o quanto a disciplina de Artes Visuais apresenta conteúdos ainda incoerentes com a realidade dos adolescentes de hoje, que muitas vezes seguem sendo tratados pelos professores como os adolescentes de vinte anos atrás.

Refletindo e repensando sobre os planejamentos elaborados previamente, Perrenoud (2002, p. 48) aparece como uma possibilidade de interlocução quando afirma que “podemos esperar que uma prática reflexiva compense a superficialidade da formação profissional.” Isso significa criticizar em torno de algo que estamos realizando como ação docente, exercitar a escuta e avaliar constantemente a prática educativa. Desta forma, Pimenta (2002, p. 15) complementa dizendo:

Tenho investido na formação de professores, entendendo que na sociedade contemporânea cada vez mais se torna necessário o seu trabalho enquanto mediação nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, para o que concorre a superação do fracasso e das desigualdades escolares.

Analisando este pensamento, percebemos que seria importante avaliar antes de tudo as necessidades, anseios e expectativas dos alunos no que se referia aos conteúdos da



disciplina de Artes Visuais. Assim, foram colocadas algumas questões esperando algumas respostas acerca do que conheciam; o que pretendiam; o que esperavam e o que gostariam de trabalhar na referida disciplina. Percebemos então, que suas necessidades eram muito variadas, mas que apresentavam algo em comum, os anseios por algo novo ao que estavam acostumados, um “lugar” onde pudessem falar e ser ouvidos e onde pudessem trabalhar com o real e com o atual. Queriam assistir filmes e vídeos, mas não aqueles que falam sobre o patrimônio histórico cultural de uma cidade distante em algum país que mal sabem onde fica. Queriam o presente, o fato de ontem, ou aquele que significa muito para suas vidas. Acreditamos na importância desta análise preliminar, do diagnóstico sobre as perspectivas dos educandos, para que as aulas, não se tornassem mais uma tentativa frustrada de estabelecer essa relação educando/educador, onde, segundo Gauthier (1998, p. 20) “é importante retomar certas idéias preconcebidas que apontam para o enorme erro de manter o ensino numa espécie de cegueira conceitual.” Sendo assim, estabelecemos estas questões como um ponto fundamental do novo planejamento para a disciplina de Artes Visuais que tomava um formato distinto naquele momento.

Analisando as questões já mencionadas, procuramos buscar o ponto em comum sobre o anseio por algo novo e atual a que todos buscavam. Foi tomada, então, a decisão de mostrar-lhes o vídeo “Click”, o qual nos mostra uma história onde um homem descobre um controle remoto universal e em vez de controlar objetos eletrônicos, o objeto é capaz de controlar as situações em sua vida. Tal decisão pode ser amparada na fala de Gauthier (1998, p. 33) quando diz: “os julgamentos dos professores e os motivos que lhes servem de apoio podem ser comparados, avaliados, pesados, a fim de estabelecer regras de ação.” Fundamentada neste pensamento, a atitude de propor-lhes um vídeo pareceu-nos, no momento, bastante adequada, pensando no fato de que pretendíamos começar trabalhando com questões de valores pessoais, margeando inicialmente as temáticas artísticas, mas que futuramente se tornariam o eixo fundamental da proposta.

Num próximo encontro, fez-se a primeira tentativa de realizar um trabalho plástico, relacionando com o vídeo trabalhado anteriormente. A proposta se desenvolveria a partir de discussões formadas e de questões colocadas sobre valores. Com o trabalho em andamento, percebemos mais algumas questões não levantadas anteriormente, a de que os educandos sentem muita necessidade de um manuseio tátil de materiais para o desenvolvimento de trabalhos essencialmente práticos. Esse é um conteúdo procedimental,



como define Zabala (1998, p. 43) “conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo.” Assim percebemos opiniões formadoras de novos elementos e conceitos que agora começavam a permear as aulas de Artes Visuais. Esta experiência da realização do trabalho prático com a utilização de diversos materiais, como tintas, recorte, canetas, e principalmente folhas bem maiores das que os educandos estavam acostumados a utilizar, foi extremamente significativa, porque só assim se pôde fazer uma análise mais concreta de como o educando de primeiro ano do ensino médio, pode envolver-se e responder quando se sente desafiado. Também ficaram evidenciados os estereótipos das formas e dos conceitos, ainda muito presentes na concepção da grande maioria deles. Durante este trabalho, solicitamos que pensassem mais efetivamente nas discussões realizadas. O trabalho desinteressado do resultado propunha uma reflexão sobre o processo, de tal forma como coloca Zabala (1999, p. 80) “nosso compromisso como professores consiste, sobretudo, em contribuir para desenvolver uma atitude reflexiva em nossos alunos.” Seguindo este pensamento, considera-se de tal forma importante esta primeira inserção prática, onde iniciamos um processo de desenvolvimento reflexivo acerca das temáticas que realmente poderiam vir a lhes interessar.

O objetivo inicial foi despertar se não em todos, mas talvez em alguns dos adolescentes, alguma forma de inquietação, ou mesmo de percepção de como as aulas de Artes Visuais podem tomar um rumo distinto, se utilizando, muitas vezes dos mesmos materiais, mas de pressupostos distintos, podendo ser estes, um discurso reflexivo sobre algo que pretendemos fazer, estamos fazendo, ou ainda sobre qualquer aspecto que envolva as Artes Visuais.

Assim, acreditando nessa proposta, os delineamentos dos próximos encontros, foram sendo elaborados. Logo a seguir, colocou-se como proposta, a utilização de uma ferramenta tão presente no cotidiano dos educandos, a câmera digital. A utilização deste novo recurso propiciaria uma nova alternativa de desenvolvimento dos conteúdos procedimentais, mas ao mesmo tempo, acreditava-se que poderia enriquecer a gama de percepção, ao passo em que seguiríamos trabalhando com as questões de valores, suas percepções e reflexões. Como coloca Zabala (1999, p.79) a respeito dos conteúdos procedimentais “Interessa-nos que esses conteúdos se desenvolvam em função de objetivos gerais, que impliquem a formação da faculdade de pensar em tudo aquilo que pede a interpretação e a recriação da realidade.” Baseando-se neste pensamento, a



proposta mencionada foi realizada em grupos, e agora propusemos que pensassem em relação à algo referente à composição do trabalhos que mais lhes interessassem, mas sempre permeando as questões perceptivas e reflexivas em torno daquilo que estavam realizando. Desta forma, lhes foi pedido mais tarde, que apresentassem os trabalhos que haviam realizado, a fim de gerar discussões, desse processo ainda em construção.

Repensando sobre essa experiência no Ensino das Artes Visuais, nos aportamos a Perrenoud (2002, p.50): quando diz que “uma prática reflexiva não é apenas uma competência a serviço dos interesses do professor, é uma expressão da consciência profissional.” Esta consciência, acredita-se, se forma a partir do caminho que começamos a percorrer a fim de possibilitar, talvez, um futuro desenvolvimento desse pensamento mais crítico sobre as Artes Visuais. Buscamos, enquanto professores em formação inicial, uma nova concepção da disciplina. É um caminho difícil, árduo e tempestuoso, que apresentam altos e baixos, mas que, sobretudo, permite muitas satisfações.

E a “lousa mágica”?

Repensando acerca da experiência docente realizada e tecendo relações com as memórias e trajetórias docentes, pensamos que o educador, possa mediar essa interação entre os educandos e as constantes mutações no Ensino das Artes Visuais, como menciona Freire (1975, p. 86) “o mundo, agora já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização”. Isso propõe algumas questões pensadas durante a realização da experiência, onde consideramos o docente como “personagem” fundamental nesse processo de mediação constante, acrescentando ainda que o desenvolvimento das competências dos educandos em relação às Artes poderá inseri-los nesse contexto de contemporaneidade, onde o tempo é aberto e o espaço não é mais físico, pois segundo Hall (2000, p. 69)

a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.



Percebendo este contexto, proporcionar que educandos contemplem estas questões, as quais envolvem a contemporaneidade, se torna fundamental, a fim de que se possa constituir um pensamento crítico-reflexivo nesse processo de ensino das Artes Visuais.

De tal forma a tecer algumas relações com a problemática das memórias nos perguntamos constantemente durante a realização da experiência como educadora: qual o motivo de repensar tais memórias, trajetórias e experiências docentes? E ainda: como tais memórias estão presentes no processo de Ensino das Artes Visuais?

Tais questões surgem como um “intrincado jogo” onde se estabelece relações das memórias, trajetória e experiências docentes com o Ensino das Artes Visuais. Respondendo algumas das questões de pesquisa propostas para este estudo ficou evidenciado que, acreditamos nesse processo de rememoração dos trajetos e experiências, como algo em potencial para que se possa trabalhar no âmago das questões que permeiam as situações escolares tradicionais. Coloca-se tradicionais, pensando sempre em uma educação contemporânea, que ultrapasse os espaços e barreiras já “consagrados” e definidos. Ainda nas questões relativas às memórias, trajetórias e experiências docentes, Bosi (*apud* BRAGA, 2000, p. 54) diz que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas fazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” O que entendemos é que, a memória e o trabalho feito com ela podem habitar espaços geradores de possibilidades singulares no ensino das Artes Visuais, onde o professor se liberta de certas “formas” de atuar e de ser docente e encontra alternativas que escapam destas verdades absolutas.

E como as memórias, trajetórias e experiências docentes estão ou podem estar presentes no processo de Ensino das Artes Visuais? Elas estão presentes porque fazem parte de uma trama de relações, contextos e significados que materializam nossas atitudes. Reviver as experiências docentes significa repensar nossos caminhos, assim como apontam Kachinovsk e Gatti (2005, p. 52) “ser docente es un modo de ser-siendo, una versión identitaria.”

Partindo desse pressuposto, acredita-se na retomada de experiências vividas como meio possível de pensar no ensino das Artes Visuais, porque como aponta Ciampa (1987, p. 200) “quando afirmamos que, como ser histórico e como ser social, o homem é um horizonte de possibilidade, estamos pensando em todas as dimensões do tempo.” E nessa



abordagem de Ciampa, do homem como formador de possibilidades, ratifica-se a importância de repensar as experiências docentes como meio de um pensamento reflexivo acerca de suas articulações profissionais como Arte/Educadores. Guiando-se pelo fio condutor do pensamento de Pilloto e Mognol (2007) de que as representações visuais podem ser usadas como recurso que contribui para a construção humana contínua e para o desenvolvimento afetivo e sensível dos seres humanos, acredita-se ser necessário proporcionar aos educandos o desenvolvimento de competências e reflexões sobre o momento contemporâneo das Artes Visuais, pois segundo Augé (1994, p. 34)

Estamos na era das mudanças de escala, no que diz respeito à conquista espacial, é claro, mas também em terra: os meios de transporte rápidos põem qualquer capital ao no máximo algumas horas de qualquer outra. Na intimidade de nossas casas, enfim, imagens de todas espécies, transmitidas por satélites, captadas pelas antenas que guarnecem os telhados da mais afastada de nossas cidadezinhas, podem dar-nos uma visão instantânea e às vezes, simultânea de acontecimentos em vias de se reproduzir no outro extremo do planeta.

Seguindo por este pensamento, onde as novas produções artísticas são apresentadas, muitas vezes de forma inusitada, sejam pelas propostas e questionamentos, ou pelo processo singular dos artistas e onde há a solicitação ao público de percebê-las como momento presente da contemporaneidade, onde uma das principais questões refere-se às fronteiras culturais e geográficas, sinalizamos a relevância da aproximação das produções artísticas contemporâneas com os educandos, para que se possa possibilitar uma interação, e onde se torna fundamental rever e construir uma nova percepção dentro do contexto em que se apresenta a o Ensino das Artes Visuais.

Portanto, a “lousa mágica”, que traz inquietações subjetivas acerca da memória docente e tece relações com uma experiência no Ensino das Artes Visuais, ainda suscita constates questionamentos, que certamente possibilitarão estar discutindo outra vez novas questões, as quais poderão vir a provocar reações e reflexões em todos aqueles que se identificam com o Ensino das Artes Visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AUGÉ, Marc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição Social da Memória:** uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da Memória:** uma história das idéias sobre a mente. Bauru: EDUSC, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A., 1975.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma Teoria da Pedagogia:** Pesquisas Contemporâneas sobre o Saber Docente. Ijuí: Sedigraf, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KACHINOVSKY, Alicia; GATTI, Elsa. **Entre el placer de enseñar y el deseo de aprender:** historias del aula universitaria. Montevideo: Psicolibros, 2005.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (Org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria: Editora UFSM, 2007. pp.231-249

PERRENOUD, Philippe. **A prática Reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; MOGNOL, Letícia Coneglian. A Arte no contexto da Educação infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria: Editora UFSM, 2007. pp. 215-230.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artimed, 1998.

ZABALA, Antoni. **Como trabalhar conteúdos procedimentais em sala de aula.** Porto Alegre: Artes médicas, 1999.